



mundo columbófilo



Jornal ilustrado, noticioso e técnico do desporto columbófilo

ano 73 • nº1152 • 24 abril 2020 • quinzenal • avançado • preço avulso: 1,00€ • sede, redação: Rua Duque da Terceira, 293 • 4000-536 Porto • Portugal • diretor: Gustavo Moura

Pandemia Covid-19

As notícias vinham chegando da China desde dezembro de 2019 onde o coronavírus foi identificado pela primeira vez em seres humanos, mais precisamente na cidade de Wuhan.

Dada a distância, pouco nos preocupamos com os relatos que nos iam chegando, mas depressa o problema se alastrou pelo nosso planeta.

A 11 fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde, anunciou o nome oficial da doença, que passaria a ser chamada de COVID-19 (do inglês Coronavirus Disease 2019), porque a palavra coronavírus refere-se ao grupo que o vírus pertence e não à última estirpe descoberta, sendo que o vírus em si foi designado por SARS-CoV-2.

A 2 março foram identificados em Portugal os dois primeiros casos. Desde então, tem sido uma catadupa de acontecimentos que afetam cada cidadão e a sociedade em geral.

A 11 março, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto como pandemia.

A 18 março de 2020, as entidades governamentais portuguesas declararam Estado de Emergência com todas as limitações que tal situação acarreta e assim temos vivido desde então...

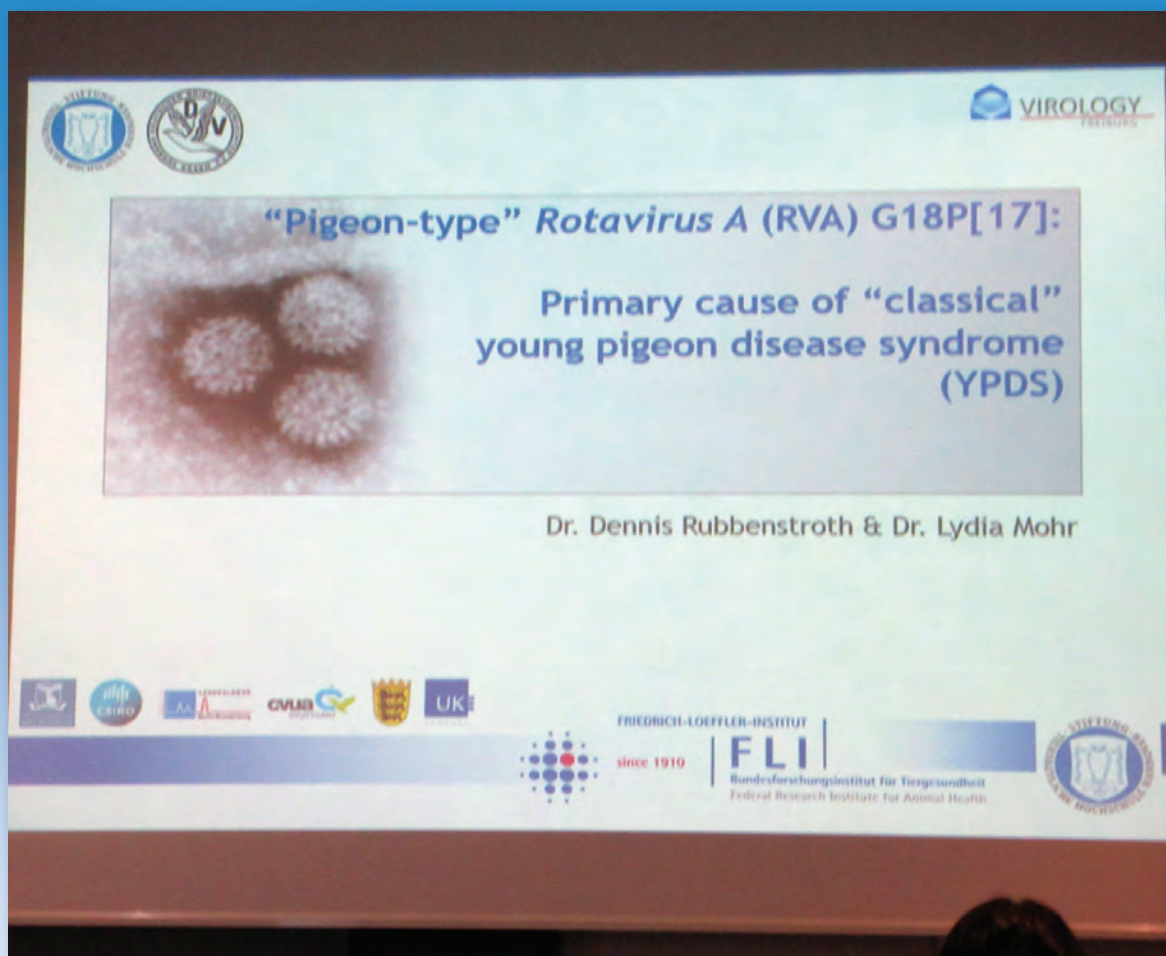
No que ao desporto columbófilo diz respeito, a pandemia Covid-19 surgiu em Portugal no início da Campanha Desportiva, a qual foi interrompida a 15 março. No resto da Europa, a situação é idêntica, no entanto convém referir que na maioria dos países europeus a Campanha só teria início em Abril, prolongando-se até ao mês de setembro com os concursos de borrachos do próprio ano.

Vivemos num período de incertezas pelo que não poderemos afirmar quando poderá regressar a competição columbófila. Também não nos podemos esquecer que a idade da maioria dos columbófilos os coloca numa posição de risco no que ao convívio social diz respeito.

A Federação Portuguesa de Columbofilia, em conjunto com as Associações Distritais, tem mantido os columbófilos informados e vê uma possibilidade da competição regressar em maio e está a preparar um manual com linhas orientadoras sobre procedimentos seguros a adotar durante a época desportiva, que distribuirá por toda a estrutura federativa. Aguardemos pela evolução dos acontecimentos.

Uma coisa é certa, a situação só ficará totalmente normalizada quando se desenvolver uma vacina ou se controlar a ação do vírus por intermédio de medicamentos entretanto a serem testados ou desenvolvidos. O grau de imunidade que o grupo (pessoas) desenvolver terá também um papel fundamental na evolução do problema.

Entretanto, cabe a cada um de nós proteger-se, proteger os seus e, por conseguinte, a comunidade em que vivemos, seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde e Direção-Geral da Saúde.



Doença dos Borrachos

descoberta a causa determinante pela equipa do Dr. Rubbenstroth
Marc Ryon esteve presente no dia histórico da apresentação do
resultado da investigação e conta-nos os pormenores



Elite Club SC CA Cadaval

Hélder Galveia acompanhou a Gala Anual desta coletividade
“suplantou todas as expectativas, faltam palavras para a descrever,
deverá ser um enorme orgulho para a Direção do Elite Club”

Tive a oportunidade de poder participar na segunda Conferência da Associação Internacional de Veterinários para Pombos (=IVPA), desta vez em Varsóvia no início do mês de março.

A grande maioria dos presentes eram naturalmente colegas polacos, mas também notei uma dezena de alemães e belgas, 2 portugueses, 1 holandês e - a menos que esteja enganado - nenhum britânico, francês, espanhol ou italiano.

Como era de esperar, a crise do Coronavírus originou algumas desistências e como sempre foi o Prof. P. Szeleszczuk que segurou de mão firme as rédeas do evento.

Irei tentar relatar aqui as comunicações mais relevantes, todavia isso constará sempre de uma escolha pessoal e subjetiva.

Na minha opinião, a grande novidade foi a identificação do rotavírus A como a causa determinante do Young Pigeon Disease Syndrome (YPDS) = o Síndrome da Doença dos Borrachos (SDB) pela equipa do Dr. D. Rubbenstroth no Instituto Friedrich-Loeffler na ilha de Riems (Alemanha).

Na realidade já estamos há algumas décadas a especular sob a origem deste flagelo e já foram citadas muitas causas prováveis, entre as quais destacamos o Circovírus, o Adenovírus e a E. coli, em conjunto ou separados; todavia devemos ad-

Em 2016, na Austrália, na altura da deflagração de uma epidemia grave em pombos com sintomas similares aos do YPDS-SDB foi identificado o Rotavírus A genótipo G18P [17] (=RVA).

Finalmente, na Europa, a luz também começou a brilhar ao fundo do túnel, quando em finais de 2018 Rubbenstroth publicou que havia descoberto rotavírus do Grupo A em pombos provenientes da Bélgica, Alemanha e Dinamarca, pombos com os seguintes sintomas bem conhecidos: diarreia, vômitos, necrose hepática e morte súbita.

Depois, em janeiro deste ano, veio a confirmação: era finalmente possível responsabilizar o Rotavírus A (RVA) genótipo G18P [17], como sendo a causa do YPDS-SDB (Doença dos Borrachos) e foi este resultado que foi apresentado, documentado e comentado em Varsóvia.

A correspondência ao postulado de Henle-Kochle é uma das regras básicas para poder reconhecer um definido vírus ou bactéria como causa de uma doença: é um destes raciocínios clássicos e históricos que distinguem a ciência verdadeira da pseudociência.

O referido postulado estipula que deve ser possível reproduzir os mesmos sintomas e a mesma doença me-



Doença dos Borrachos

o progresso contínuo da medicina veterinária columbina

por... Marc Ryon

tos diferentes do Síndrome da Doença dos Borrachos: depois de 3 dias aparecerem efetivamente os sintomas clínicos como apatia, penas eriçadas, diarreia, vômitos, papos congestionados e perda de peso. De notar, no quadro desta experiência, que as estirpes provenientes do surto mais sério com bastante mortalidade também provocaram os sintomas mais graves nos borrachos e os provenientes de um surto mais ligeiro deram sintomas mais suaves.

Neste contexto devemos estar conscientes que, para interpretar toda esta informação de maneira correta, é preciso distinguir o “verdadeiro” YPDS-SDB das doenças que em borrachos são parecidas e que podem ter um impacto algo diferente nas aves e ter alguns sintomas em comum e outros não.

A Dra. E. Peus, da Taubenklinik, deu algumas dicas para tentar fazer uma distinção clínica: quanto maior o número dos seguintes sintomas encontrados em borrachos, maior é a possibilidade de existir um caso de YPDS-SDB-SDB: apatia, falta de apetite, vômitos, diarreia, papo repleto de líquido, evolução rápida e eventualmente morte súbita.

Por outro lado, temos as seguintes situações que diminuem a probabilidade de que esteja unicamente o YPDS-SDB-SDB em causa: outras doenças diagnosticadas (vermes, salmonela, etc.), sintomas atípicos (respiratórios ou nervosos), uma evolução lenta.

Em correlação com o trabalho do Dr. Rubbenstroth, foi realizado na Polónia pelo Dr. K. Adamczyk um estudo epidemiológico em 76 pombos na zona de Varsóvia. Para este efeito foram recolhidas fezes nos cestos de transporte após 8 concursos durante as 6 primeiras semanas da época e os columbófilos eram chamados para colaborar preenchendo um formulário detalhado.

Os resultados foram claros e provaram a grande divulgação do Rotavírus entre os pombos novos com consequentemente bastantes surtos de YPDS-SDB. Interessante para um combate racional à doença é saber que os borrachos convalescentes deixaram de excretar vírus 10 dias após o desaparecimento dos sintomas.

No que diz respeito a eventuais vacinas, temos na Europa, por enquanto, só duas opções. Em primeiro lugar podemos considerar a preparação de uma vacina autógena ou - por outras palavras - uma vacina específica personalizada para uma colónia bem definida: todavia consta de uma solução cara e complicada. Também já existe uma vacina de vírus inativado Checa que parece não provocar efeitos adversos, mas da qual a eficácia protetora na prática ainda não foi completamente comprovada.

Além de aplicar uma eventual (futura) vacina, o que o columbófilo pode fazer?

Tentar controlar os diferentes sintomas (por exemplo, diarreia) e deixar recuperar as aves durante três semanas até estar devidamente normalizado o seu apetite e o seu peso.

Sempre em relação ao RVA veio um clínico alemão testemunhar que o vírus também existe nos pombos ornamentais, mas como o surgimento da doença está ligado às concentrações de borrachos, só acontece a partir do outono até janeiro do ano a seguir, sendo a época das exposições desta modalidade.

Um outro assunto-chave deste congresso foi a fraca disponibilidade de fármacos para pombos nos diversos mercados nacionais.

A discussão concentrou-se basicamente na situação nos “quatro maiores países columbófilos” da EU, a Bélgica, Países Baixos, Alemanha e Polónia, que representam 112.139 columbófilos.

Na realidade, naqueles países, existem poucos fármacos específicos para pombos, uma ideia contrária à que têm por vezes os nossos columbófilos.

Olhamos para os antibióticos: há 3 registados na Bélgica, 4 nos Países Baixos, 11 na Alemanha e 10 na Polónia; no caso dos antiparasitários (vermes, coccídeos, tricomonas) temos 6 na Bélgica, 9 nos Países Baixos, 7 na Polónia e 11 na Alemanha. De estranhar que a Alemanha permita ainda substâncias ativas antigas não mais autorizadas nos 3 outros países como cloranfenicol, furazolidona e dimetridazol.

No que diz respeito às vacinas neste grupo de países encontramos 13 vacinas homologadas (4 na Bélgica, 4 na Alemanha, 5 nos Países Baixos e 7 na Polónia).

Esta situação algo complicada tem diretamente a ver com as regras fármaco-administrativas pesadas e com os custos inerentes a tais processos, mas indiretamente também com a posição duvidosa do pombo-correio: pertence ao grupo das aves de companhia, das aves de produção, das aves mantidas em cativeiro? Pode parecer fácil tomar uma decisão, mas devemos ser conscientes que qualquer uma terá consequências menos agradáveis, seja de âmbito farmacêutico ou de âmbito fiscal.

Outras sujeitos que vieram à ordem do dia:

- A Paramixovirose (K. Smietanka: com o conselho de nunca utilizar vacinas vivas pois só oferecem uma imunogenicidade fraca e podem espalhar o vírus da vacina a grandes distâncias);

- A Gripe Aviária (C. Abolnik, K. Smietanka: confirmando que o pombo é bastante resistente e não tem praticamente papel nenhum na propagação da doença, mas devemos ficar atentos porque aparecem estirpes novas, também de alta patogenicidade);

- A Herpesvirose (L. Mohr: com o aviso que existem

“... Na realidade já estamos há algumas décadas a especular sob a origem deste flagelo (Doença dos Borrachos) e já foram citadas muitas causas prováveis, entre as quais destacamos o Circovírus, o Adenovírus e a E. coli, em conjunto ou separados; todavia devemos admitir que o Dr. Rubbenstroth sempre manteve firme até há pouco tempo a sua posição que - não obstante todas estas suspeitas - a causa da referida doença continuava a ser desconhecida e é por isso que o YPDS-SDB continuou com o sobrenome “síndrome”. ...”

mitir que o Dr. Rubbenstroth sempre manteve firme até há pouco tempo a sua posição que - não obstante todas estas suspeitas - a causa da referida doença continuava a ser desconhecida e é por isso que o YPDS-SDB continuou com o sobrenome “síndrome”.

dante a inoculação do agente patogénico (neste caso o vírus) anteriormente isolado e multiplicado em cultura.

E foi isto que fez a equipa Rubbenstroth: conseguiram provocar infeções experimentais em borrachos saudáveis com estirpes de Rotavírus provenientes de 2 sur-

portadores adultos sem sintomas que podem infetar os borraços no ninho e também que as vacinas só são parcialmente eficazes, todavia uma vacina mais recente administrada às fêmeas reprodutoras seria capaz de proteger os seus borraços contra aquela doença;

- A Circovirose (T. Stenzel: a circovirose é um problema sério na columbófila especialmente porque certas formas modernas de a praticar infringem as regras da biossegurança: é antes de tudo um imunossupressor que pode aumentar a predisposição para várias doenças);

- A Enterococose (B. Dolka: na flora intestinal dos pombos - que difere de pomal para pomal - podem permanecer 9 tipos de enterococos, o mais frequente é o *Enterococcus columbae* e o *Enterococcus cecorum* parece ser até agora o único que infecta pombos; existe bastante resistência contra vários antibióticos);

- A Certificação ADN (P. Lanneau: a preparação de

um protocolo para as empresas ativas neste sector a fim de facilitar e tornar mais segura a venda de pombos certificados ADN).

Em relação à IVPA: fui escolhido como Vice-Presidente, encarregado das relações com todas as organizações que não integram a columbófila e a colega Sara Dias foi nomeada para a divisão Portuguesa.

Uma pequena retificação para finalizar: foi divulgada a notícia de que o Laboratório Nacional Alemão de Veterinária (Friedrich-Loeffler-Institut) tinha chegado à conclusão de que as aves não eram suscetíveis ao Covid-19, o que incluiria automaticamente os nossos columbídeos. Na realidade, não é bem assim: o referido laboratório no seu comunicado só mencionou os galináceos (Hühner em Alemão, chickens em Inglês) deixando ainda no ar a suscetibilidade dos pombos e outras aves.

dr. Marc Ryon
abril 2020



Conferência da Associação Internacional de Veterinários para Pombos (YVPA) decorreu em Varsóvia



Prof. P. Szeleszczuk, grande dinamizador da Conferência

oportunidade única para um bom investimento na linha Cattrysse



Fêmea original Nouwen-Paesen, nºB19-5094732
Neta do "Super 48" (Asa Ouro Barcelona). Bisneta da "Rhone Princess" (8, 25, etc., em concursos nacionais)



Macho original Nouwen-Paesen, nºB19-5094744
Consanguíneo do "Favorit 083" (3º Melhor dos Melhores de Barcelona, 2º pombo às maratonas) x linha Germain Imbrecht



Fêmea original Nouwen-Paesen, nºB19-5094731
Neta do "Super 48" (Asa Ouro de Barcelona) e do "Starwars" (Cattrysse, via Matteredne x Bostijn). Bisneta da "Rhone Princess" (8, 25, 39, 96 em concursos nacionais)